

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

MARILENE MARINHO GALINDO

**A GÍRIA COMO PROCESSO COMUNICATIVO DAS REEDUCANDAS DO
PRESÍDIO SANTA LUZIA: CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO.**

**MACEIÓ
2021**

MARILENE MARINHO GALINDO

**A GÍRIA COMO PROCESSO COMUNICATIVO DAS REEDUCANDAS DO
PRESÍDIO SANTA LUZIA: CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras-Português, da Universidade Federal de Alagoas, para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Prof. Aldir Santos de Paula

**MACEIÓ
2021**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Livia Silva dos Santos – CRB-4 – 1670

G158g Galindo, Marilene Marinho.

A gíria como processo comunicativo das reeducandas do presídio Santa Luzia:
construção de um glossário / Marilene Marinho Galindo. – 2021.
49 f.:il.

Orientador: Aldir Santos de Paula.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Português) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Curso de Letras Português, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 43-45

Apêndice: f. 46-48

Anexo: f.49

1. Gírias. 2. Língua falada - Sistema prisional - Alagoas. 3. Comunicação - Léxico.
4. Comunicação informal - Gírias. I. Título.

CDU: 800.862



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Marilene Marinho Galindo

MATRÍCULA: 17110035

TÍTULO DO TCC: A gíria como processo comunicativo das reeducandas do Presídio Santa Luzia: construção de um glossário.

Ao(s) 30 dia(s) do mês de junho do ano de 2021 reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof. Orientador: Aldir Santos de Paula

1º Prof. Examinador: Eliane Barbosa da Silva

2º Prof. Examinador: Francisco Jadir Lima Pereira

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof. Orientador: 9.50 (Nove inteiros e cinquenta décimos)

1º Prof. Examinador: 9.00 (Nove pontos)

2º Prof Examinador: 10.0 (dez pontos)

totalizando, assim a média: 9.5 (Nove inteiros e cinquenta décimos) e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 30 de junho de 2021.

Prof. Orientador

1º Prof. Examinador

2º Prof. Examinador

VISTA DA COORDENAÇÃO

SIAPE 1355192

DEDICATÓRIA

A Deus, criador do céu e da terra, autor e consumidor da nossa fé, a quem declaro total dependência. “Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois a Ele eternamente. Amém” (Rm 11: 36).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor incondicional e por me conceder forças para realização desse trabalho;

Ao professor Aldir Santos de Paula, por ter me aceitado como orientanda e pelas orientações para a elaboração deste trabalho.

Ao meu amado esposo (Antônio), pelo apoio, orgulho e compreensão durante a trajetória desse curso;

Aos meus filhos e netos, pela compreensão da minha ausência durante o período desse trabalho;

Aos colegas do curso pela cumplicidade e amizade.

Marilene

Quanto mais vulgar for uma pessoa, tanto mais sua linguagem leva o selo da comunidade em que vive; quanto mais forte e original a sua personalidade, tanto mais peculiar e próprio será o colorido de sua linguagem.

(JESPERSEN, 1976, p. 107).

RESUMO

Este trabalho objetiva registrar, por meio de um breve glossário de gírias, o léxico especificamente empregado pelas reeducandas que trabalham no Pavilhão de Artesanato, localizado no Sistema Penitenciário Alagoano. A preferência pela temática se deu em virtude da linguagem peculiar no âmbito lexical, produzida pelas custodiadas que cumprem pena no Presídio Santa Luzia na cidade de Maceió-AL. A partir da análise, pretendemos identificar os termos que possam ser considerados gírias na comunicação informal, para poder compreender o sentido desses vocábulos considerando o contexto de uso. No glossário resultante da investigação, destacaremos os itens lexicais coletados com seus referidos significados, atribuídos pelas participantes da pesquisa e posteriormente, faremos análise de alguns itens do léxico coletado, relacionando a linguagem metafórica presentes nas palavras escolhidas. Por conseguinte, este estudo também tende mostrar aos docentes, a importância de se conhecer as variedades decorrentes da língua falada, presentes no universo linguístico. Utilizamos como embasamento teórico para o desenvolvimento da nossa pesquisa os autores: Melo (2015, 2016) que defende a importância da política pública da educação e do trabalho no processo ressocializador das reeducandas, junto com Faraco (2012), Etto (2018), Preti (2000), Fiorin (2003), entre outros. Diante desse estudo, percebemos como é pertinente saber tais recursos linguísticos, gerados em uma comunidade de fala e sua manifestação na linguagem.

Palavras chave: Língua portuguesa; Gírias; Sistema Prisional de Alagoas.

RESUMEN

Este trabajo objetiva construir, por medio de un breve glosario de jerga, el léxico específicamente empleado por las reeducandas que trabajan en el Pabellón de la Artesanía, ubicado en el Sistema Penitenciario Alagoano. La preferencia por la temática se dio en virtud del lenguaje peculiar en la esfera lexical, producido por las custodias que cumplen pena en el Presidio Santa Luzia en la ciudad de Maceió. A partir del análisis, pretendemos identificar los términos que puedan ser considerados jerárquicos en la comunicación informal, para poder comprender el sentido de estas palabras considerando el contexto de uso. En el glosario resultante de la investigación, destacaremos los elementos léxicos recopilados con sus referidos significados, asignados por las participantes de la investigación y posteriormente, haremos análisis de algunos elementos del léxico recopilado, relacionando el lenguaje metafórico presentes en las palabras elegidas. Por lo tanto, este estudio también tiende a mostrar a los maestros, la importancia de conocer las variedades resultantes de la lengua hablada, presentes en el universo lingüístico.

Utilizamos como base teórica para el desarrollo de nuestra investigación los autores: Melo (2015, 2016), que defiende la importancia de la política pública de la educación y del trabajo en el proceso resocializador de las reeducandas junto con Faraco (2012), Etto (2018), Preti (2000), Fiorin (2003), entre otros. En vista de este estudio, es pertinente saber tales recursos lingüísticos generado en una comunidad de habla, y su manifestación en el lenguaje.

Palabras clave: Lengua Portuguesa; Jerga; Sistema Prisional de Alagoas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
 CAPÍTULO 1	
A LINGUAGEM VERBAL.....	11
1.1 Breve reflexão acerca da sociolinguística.....	14
1.2 A Gíria e o preconceito linguístico.....	18
1.3 A Gíria no cárcere feminino.....	23
 CAPÍTULO 2	
A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO CÁRCERE	26
2.1 Fábrica de Esperança - Projeto Ressurgir.....	29
2.2 Educação: instrumento de reintegração social.....	32
2.3 Projeto Lêberdade: uma perspectiva para ressocializar.....	34
 CAPÍTULO 3	
ANÁLISE DOS DADOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE	46
ANEXO	49

INTRODUÇÃO

Da antiguidade até os tempos modernos, a língua tem sido descrita pelos gramáticos e lexicógrafos, fornecendo informações significativas para um bom funcionamento da linguagem. Contudo, inovações linguísticas surgem na comunicação oral, marcando a fala de alguns grupos sociais. Em função disso, novas palavras são absorvidas por determinados grupos e se adéquam, sem impactos aos que aderem a essas formas de expressão.

Esta pesquisa desenvolveu-se em virtude das expressões linguísticas produzidas pelas trabalhadoras da Fábrica de Esperança que se encontram sob custódia do Estado, cumprindo pena no Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia localizado na cidade de Maceió.

Assim, pretendemos registrar o melhor número possível de itens lexicais, especificamente empregados por essas reeducandas, que exercem atividades laborais no setor do artesanato do Sistema Penitenciário Alagoano.

É do nosso conhecimento que as mudanças linguísticas acontecem nas línguas naturais, portanto, é pertinente entendemos que elas permanecem em consonância com as leis combinatórias que as governam, por isso, quando falamos construímos sentenças que para produzir sentido, precisam estar em sintonia entre os elementos que a constitui. Então, podemos dizer que quando falamos, expressamos sons carregados de sentidos e se a pessoa com quem estivermos dialogando, souber o nosso idioma, certamente, terá a possibilidade de entender grande parte do que queremos transmitir por meio dos enunciados linguísticos construídos durante o discurso.

Isso nos leva a pensar que, existe uma relação de elementos linguísticos organizados que se correspondem para a produção da fala, os quais são produzidos pelo nosso aparelho fonador. Além disso, acreditamos que a dinamicidade produzida pela língua e os movimentos constantes de mudanças são influenciados por fatores sociais, alterando assim, a linguagem verbal.

Nesta perspectiva, podemos considerar, a linguagem como um fenômeno extraordinário da humanidade, um mecanismo que vem sendo desenvolvido desde que os seres humanos sentiram a necessidade de se comunicar, interagindo entre si. Assim sendo, consideramos as construções linguísticas, sobretudo no âmbito lexical, um recurso natural, propriedade coletiva dos seres humanos.

Como futura professora de Língua Portuguesa, propus-me pesquisar o significado da linguagem produzida pelas reeducandas que trabalham no setor de laborterapia carcerária,

localizado no Complexo Penitenciário Alagoano. Essa escolha pela temática foi motivada em virtude das expressões produzidas pelas custodiadas, uma vez que, algumas sentenças expressas por elas, no ambiente de trabalho, tinham de certa forma, certo grau de complexidade. No entanto, apresentavam uma linguagem interessante, se tratando do sentido metafórico.

Conforme exposto, pretendemos mostrar através desse trabalho, a importância da gíria como variedade linguística e manifestação nos falares de grupos socialmente estigmatizados no que diz respeito à norma-padrão.

No primeiro capítulo, “A Linguagem Verbal”, trazemos uma breve reflexão e algumas considerações sobre o tema e em seguida, apresentaremos alguns pontos pertinentes tanto em relação ao fenômeno linguístico gíria, como em relação à discriminação social a ela associada.

No segundo capítulo, “A importância das políticas públicas e do trabalho no processo ressocializador das reeducandas”, abordamos os princípios norteadores sobre a importância do trabalho para formação do cidadão, e como esse fator pode ser um ponto de partida para conscientizar a respeito de valorizar a conduta profissional como forma sustentável após sua remissão da pena.

No terceiro capítulo, “Análise dos dados” faremos um levantamento das expressões linguísticas produzidas pelas “infratoras” explorando o significado lexical das expressões metafóricas produzidas na linguagem oral informal. Depois desse apanhado lexical, escolheremos alguns itens dentre o material levantado para posteriormente, fazermos análise mais detalhada.

Por fim, concluímos com as considerações finais, as referências, o apêndice e, logo após, o anexo.

CAPÍTULO 1

A LINGUAGEM VERBAL

Entendemos a linguagem como um acontecimento extraordinário que nós seres humanos geramos quando anunciamos uma mensagem. É fundamental mencionar que em nossa comunicação, é comum nos valermos da linguagem verbal e não verbal, para facilitar a relação no diálogo, entre o falante e o ouvinte.

Linguagem é o meio de comunicação que se apropria de todo e qualquer sistema de signos como forma de expressar sentimentos, sensações, informações, idéias, podendo ser: sonoro, sinalizado, gráfico, gesticulado, entre outros (SIMÕES, 2009, p.14).

Nesse sentido, podemos alegar que quando compartilhamos informações, usamos traços linguísticos por meio de opções de linguagens, para que nosso objetivo comunicativo aconteça, de acordo com a nossa intencionalidade em relação ao interlocutor.

De acordo com Ormundo e Siniscalchi (2018),

[...] é por meio da linguagem, em suas variadas possibilidades de materialização (verbal – oral ou escrita, visual-motora – libras, corporal, sonora, digital etc.), que agimos para marcar nosso posicionamento no mundo, constituímos vínculos, estabelecemos pactos e compromissos, entre outros aspectos impossíveis sem a linguagem (ORMUNDO e SINISCALCHI, 2018, p. 7).

Se tratando da oralidade, temos a fala, como principal condutor da expressão oral para proferir enunciados. Entendemos que os sons que pronunciamos verbalmente são sinais sonoros peculiares, produzidos pelo aparelho fonador. A esse respeito Faraco (2012, p. 47) menciona que “o meio básico de expressão da linguagem verbal é a oralidade, ou seja, a expressão articulada de sons produzidos pelo aparelho fonador”. A vista disso inferimos que esse órgão do nosso corpo humano, possui mecanismos fundamentais, que concorrem para produção da fala das línguas naturais existentes.

É sabido que para que a linguagem verbal aconteça são essenciais determinados princípios norteadores como, por exemplo: combinações de palavras, regras, organização mental, intenção e clareza das sentenças facilitando o entendimento do anunciado, pois o nosso interlocutor é o receptor das informações que pretendemos transmitir.

No excerto que segue Cagliari e Cagliari (2001) asseguram que:

Para falar, uma pessoa usa mais da metade do corpo: do abdômen até a cabeça. Os linguistas não sabem ao certo onde fica o centro processador da linguagem, mas, tradicionalmente, atribui-se ao cérebro ou à alma. A verdade é que antes de abrir a boca para falar, uma pessoa necessita planejar o que vai dizer e enviar comandos neuromusculares para que a fala se realize. Como a linguagem é um composto de ideias e de sons, é preciso organizar as ideias e os sons que vão carrear essas ideias (CAGLIARI e CAGLIARI, 2001, p.107).

Sabemos que os seres humanos desde o início da sua existência vêm criando meios para se comunicar com seus semelhantes. Essa necessidade de interação, o fez por meio de gestos, desenhos e pinturas como forma de expressão, principalmente nas paredes das cavernas, para relatar fatos que eventualmente acontecera, ou supostamente, algo que desejavam realizar.

Todo este processo de comunicação verbal contribuiu para que no nosso presente histórico, tenhamos registros de como o ser humano construiu a sua própria história, um sujeito dotado de inteligência que evoluiu sem deixar para trás suas raízes.

Essa forma de expressão aliada à necessidade de se comunicar levou o homem primitivo a outro patamar, em que foram criando materiais, desenvolvendo experimentos, construindo procedimentos de maneira que levassem a diante a transmissão de uma mensagem. Assim foi nascendo a língua, evoluímos, e hoje, capacitados de uma linguagem, necessitamos estar em contato com pessoas, transmitir nossos anseios e ideologias ao meio externo.

A esse respeito Leffa (2001) afirma que:

O ser humano possui algumas características que são exclusivas de sua condição humana. Nenhum outro ser, por exemplo, tem a capacidade da articulação linguística em termos de léxico e sintaxe; nenhum outro ser é capaz de pensar e refletir sobre sua própria condição, e nenhum outro ser é capaz de evoluir de uma geração para outra, como faz o ser humano (LEFFA, 2001, p. 333).

Como bem destacou o autor citado, o ser humano é um ser racional que tem a capacidade da articulação linguística. Percebemos tal processo nas nossas conversas diárias por meio das sentenças que construímos. Não podemos negar a língua, como um veículo responsável pela troca de informação entre os participantes do discurso. Nas palavras de Simões (2009, p.14), “a língua é assim definida pelo conjunto de regras e palavras utilizadas

pelos membros de uma comunidade”. Este processo combinatório de palavras contribui para que se produza a linguagem, elemento condutor no diálogo, permitindo desse modo, compreender os signos convencionais produzidos pelo interlocutor.

Para Antunes (2003, p. 51), “todo evento de fala corresponde a uma interação verbal que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores, em situação de co-presença, alternam seus papéis de falante e ouvinte”. Essa manifestação humana é um fenômeno fantástico por produzir entre as pessoas o reconhecimento da faculdade da fala, estabelecendo uma relação por meio de vocábulos, criando sentidos para que se possa assimilar de modo coerente o conteúdo determinado pelo falante.

Etto (2017), ao tratar do assunto defende que:

[...] o exercício da fala, o único objeto real e material para entender a linguagem humana, pois a língua falada nas ruas, no comércio, nas casas e repartições é o que existe de mais consistente, materialmente falando, para o estudo da língua. Para essa concepção de língua como interação, o falante, ao usar a língua, não somente exterioriza seu pensamento ou transmite informações, mas também realiza ações e atua sobre o interlocutor, seja ele um leitor ou ouvinte. (ETTO, 2017, p.209).

Acreditamos que em uma comunidade de fala não é obrigatório todos falarem impreterivelmente, igual, pois existem diferentes identidades grupais que são geralmente identificáveis por ter uma linguagem própria, fenômeno que coexiste com outras linguagens. Cada grupo social carrega um léxico específico que se diferenciam dos demais. A linguagem passa por processos de construção e variam. Conforme o tempo passa, acontecem modificações na forma de se expressar das comunidades. Todavia, considerando a heterogeneidade presente nas línguas entre si, compreendemos que para construção de saberes é necessário o entendimento dos significados das palavras.

A falta de compreensão dos fenômenos da variação linguística é responsável por crenças e valores equivocados, como por exemplo, a que desconsidera a heterogeneidade da língua, colaborando para atitudes que reforçam o ideal monolíngue, o qual tem como principal efeito o surgimento de atitudes discriminatórias e do preconceito linguístico. No uso das variações linguísticas os falantes retratam seus valores socioculturais, suas ideologias, necessidades e anseios particulares e coletivos (ETTO, 2017, p.210).

Não podemos negar que a diversidade linguística não está isolada, ela convive paralelamente com a norma padrão da língua e estão sempre em contato. Não podemos

continuar desconsiderando as variações linguísticas, sem analisar a importância do envolvimento com as práticas e construções sociolinguísticas presentes no cotidiano.

1.1 Breve reflexão acerca da Sociolinguística

Antes de iniciarmos uma breve reflexão sobre como surgiu a Sociolinguística e seu objeto de estudo, vamos voltar ao século XIX, e procurar rever como surgiu o interesse pelo estudo da linguagem verbal, fator primordial que caracteriza o sujeito falante de uma língua.

Na sequência, iremos também rever, as contribuições por parte de alguns estudiosos no assunto para tornar a Linguística uma ciência científica.

De acordo com Coelho (2012):

Ao longo da história há inúmeros registros do interesse dos homens pelas línguas (...), No século XIX predominaram os estudos histórico-comparativos. Mas é a partir de Saussure que os estudos linguísticos passam a adquirir um caráter mais sistemático e abstrato, e a língua é estudada sincronicamente, desvinculada de sua história (COELHO, 2012, p.13).

Os estudos linguísticos que prevaleceram no século XIX, servem de base para novas pesquisas no campo da linguagem. Um dos paradigmas utilizados neste tempo foi o método histórico-comparativo. Nesta época, os pesquisadores buscavam descobrir por meio de comparações as “semelhanças existentes entre as línguas”, observando a história das línguas a fim de descobrir uma “origem comum”. Entre os estudiosos desta época destacamos o suíço

“Ferdinand de Saussure, que, além de contribuir para os avanços da Linguística histórica e comparativa com importantes trabalhos nesse campo de pesquisa, definiu, no início do século XX, um novo objeto de estudos para a Linguística” (FIORIN, 2003 p. 99).

Entendemos que a Linguística para tornar-se uma ciência precisava tanto de um objeto de estudo, como de um paradigma de estudo. Sendo assim, os especialistas dessa ciência precisaram estudar esse objeto de modo especial, para propagar o conhecimento científico. Segundo Fiorin, (2003):

É no início do século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que a investigação sobre a linguagem - a Linguística - passa a ser reconhecida como estudo científico. Em 1916, dois alunos de Saussure, a partir de anotações de aula, publicam o Curso de Linguística geral, obra fundadora da nova ciência (FIORIN, 2003 p. 8).

Assim, a partir dos estudos do linguista Ferdinand de Saussure e a edição póstuma do livro “O Curso de Linguística Geral” em 1916, a Linguística passou a ser uma ciência. Contudo, como foi citado anteriormente, a linguística para se tornar uma ciência precisava de um objeto de estudo. Para tanto, “Saussure separa uma parte do todo linguagem, a língua - um objeto unificado e suscetível de classificação” (Fiorin, 2003, p. 9-10). Desse modo, Saussure dentro da linguagem, optou em eleger a língua e a escolheu como objeto de estudo da linguística, deixando assim, a fala de lado, ou melhor, excluindo a fala, pois para o estudioso, a língua seria um “sistema de signos” que possui “regras internas e leis de funcionamento”, portanto, para o mestre genebrino era importante para ser analisada e explicada pela linguística.

Fiorin (2003, p.71-72), salienta que o mestre genebrino quer mostrar que: “o signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos”. Inferimos que para Saussure, da união existente entre significado e significante, resulta no “signo lingüístico”, ou melhor, “o signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do anverso de uma folha de papel. Percebem-se as duas faces, mas elas são inseparáveis” (Fiorin 2003, p. 72). Saussure acreditava que a língua era comum a todos os sujeitos de uma comunidade linguística.

A língua é para Saussure "um sistema de signos" - um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É "a parte social da linguagem", exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade (FIORIN 2003 p. 10).

Com base nessas questões e em relação à fala, o autor afirma que:

O conjunto linguagem-língua contém ainda outro elemento, conforme Saussure, a fala. A fala é um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações (FIORIN, 2003, p. 10).

Saussure mostrou a oposição entre língua e fala. Saussure “separa língua de fala, ou o que é linguístico do que não é” (Fiorin, 2003, p.11). cremos que esse paradoxo na visão de Saussure pressupõe o fato, de a língua ser um construto utilizado por várias pessoas, ao passo que, a fala ser um construto individual. Portanto, o jeito que cada pessoa fala é particular, cada indivíduo tende a falar do seu modo.

Ferdinand de Saussure relaciona sincronia versus diacronia.

No século XIX os linguistas preocuparam-se com o estudo das transformações por que passavam as línguas, na tentativa de explicar as mudanças Linguísticas. A Linguística era histórica ou diacrônica. Saussure, no início do século XX, introduziu um novo ponto de vista no estudo das línguas, o ponto de vista sincrônico, segundo o qual as línguas eram analisadas sob a forma que se encontravam num determinado momento histórico, num ponto do tempo. (FIORIN, 2003, p.16 -17).

Desse modo, compreendemos que para Saussure a sincronia era considerada como primordial em relação à diacronia, pois para o genebrino, o que importava era estudar a forma como a língua atuava em certo momento e não, as alterações que acontecem “nas línguas através do tempo”.

Sabemos também que os estudos estruturalistas e gerativistas da década de 60 tiveram grande contribuição para a análise da linguagem, porém eles a viam como uma estrutura homogênea e afirmavam que a língua falada era um caos. Dessa forma, não se interessavam pela língua em contextos reais.

No entanto, tanto estruturalistas quanto gerativistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto. Ademais, de acordo com essas propostas, o sistema a ser descrito pela linguística era um construto homogêneo, ou seja, não eram consideradas eventuais variações ou influências típicas da fala sobre os elementos da língua (COELHO, 2012, p. 19-20).

Por meio desse postulado, novas interpelações passaram a surgir e ganhar força, dentre estas novas abordagens, podemos ressaltar a Sociolinguística “ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade”, que a começar do século XX passou a ser objeto de análise de estudiosos que consideram que a linguagem não deve se desprender dos fatores sociais presentes no dia a dia.

De acordo com Coelho (2012)

(...) foi no início do século XX que começaram a germinar as sementes que viriam posteriormente - depois de cerca de meio século de domínio das correntes estruturalistas - a florescer e dar frutos no terreno fecundo da área de estudos da linguagem que ficou conhecida como Sociolinguística (COELHO, 2012, p.16).

Surgem na mesma década, os estudos variacionista do linguista norte-americano Labov, conhecido como um dos maiores motivadores de pesquisas voltadas para o campo de estudo da sociolinguística, que buscava demonstrar a heterogeneidade linguística.

Labov critica a separação estabelecida por Saussure entre *langue* e *parole* e entre sincronia e diacronia, e também o fato de Saussure desconsiderar os fatores externos à língua ao defini-la como um sistema de signos que estabelecem relações entre si. Em última instância, Labov posiciona-se contra a primazia dos estudos imanentes da língua (COELHO, 2012, p. 21).

Ainda de acordo com o autor citado acima:

(...) ao eleger como objeto de estudo a estrutura e a evolução linguística, Labov rompe com a relação estabelecida por Saussure entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro, aproximando igualmente a sincronia e a diacronia às noções de estrutura e funcionamento da língua (COELHO, 2012, p.22).

Há ainda, por parte daqueles que desconsideram a diversidade linguística, certo esquecimento (ou desconhecimento) de que a língua varia, influenciando e sendo influenciada por falantes e pelo meio em que esses falantes estão. Infelizmente, prevalece a ideia de que a língua é representada pela gramática normativa e vice-versa, levando outras variedades da língua ao desprestígio.

Acreditamos que foi a partir da necessidade de um estudo que relacionasse língua e sujeito que nasceu a Sociolinguística que por sua vez “se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala” (Coelho, 2012, p.22). Nesse sentido, observamos que entre as “abordagens associal dos estudos” decorrentes dos linguistas estruturalistas e gerativistas há diferentes pontos de vista, ou melhor, “rejeição” no que diz respeito às divergentes influências no campo da linguística contemporânea que se contrapõem.

Simões (2009, p. 27) aponta a Sociolinguística como:

[...] nova corrente linguística, que propiciou entendimento às variações da nossa língua. Sua contribuição ao fenômeno gírio foi importante ao

minimizar os velhos paradigmas existentes na sociedade que denegriam qualquer vocábulo que não fizesse parte da linguagem formalizada. A partir então, as gírias só vieram a desempenhar seu crescimento em nossa sociedade (SIMÕES, 2009, p. 27).

Concebemos que a sociolinguística leva em conta o sujeito ativo e social, que desempenha seu papel de falante em meio a sua comunidade linguística, sofrendo influências de “fatores internos e externos” que interferem diretamente nas expressões orais de uma população. Essas expressões devem ser vistas como processo natural, pois o ser humano é um falante capaz de modificar e desenvolver nesse universo, novas palavras e se comunicar com os demais membros de uma comunidade.

1.2 A Gíria e o preconceito linguístico

Em nosso cotidiano, convivemos com diversas formas de linguagem. Algumas mais populares, outras, mais formais e algumas novas. Como vivemos em comunidade, é comum ouvirmos as pessoas conversando e, às vezes, terminamos nos acostumando a expressar certas sentenças que antes, não faziam parte do nosso repertório linguístico.

Brum e Siniak (2011, p. 404) apontam que “podemos entender a língua como um código que está em contínua mudança, permitindo uma multiplicidade de usos dependendo das diversas situações comunicacionais em que os falantes se encontrem”. Em consequência dessa multiplicidade de uso, é possível que o nosso consciente termine incorporando essas palavras, a ponto de, sem perceber, nos vemos falando espontaneamente, tais expressões.

Geralmente, as gírias são palavras que surgem do “nada”, e logo somem. Repentinamente, surgem outras e as pessoas fazem uso delas. Brum e Siniak (2011) vão de encontro às ideias citadas acima, discorrendo que

Este tipo de linguagem faz-se presente no cotidiano de um grupo de pessoas, seja dentro da família, na escola, no trabalho, no lazer, dentre outros segmentos da sociedade. Dessa forma, ela mantém a identidade de um determinado grupo social. Sob esse prisma, podemos dizer que cada grupo cria uma linguagem especial, uma espécie de código linguístico que se diferencia de outros grupos, formando uma língua diferente dentro de uma língua já existente tendo, assim, léxico, semântica e morfologia próprias e, ao mesmo tempo, semelhantes aos da língua comum (BRUM e SINIAK, 2011, p. 404).

Cada grupo social define o seu nível de vocabulário específico, isso acontece de acordo com o contexto comunicativo. Cada comunidade de falante elege um determinado vocábulo não convencional para lidar com situações do cotidiano. Há, portanto, por parte daqueles que eventualmente desvalorizam a variedade linguística, certa ignorância (ou desatenção) tanto que, não valorizam a criatividade, as inovações e os estilos presentes nas formas de falar.

Para Faraco (2012),

Qualquer língua é sempre, portanto, uma realidade plural e heterogênea. Incluem-se nessa pluralidade as variedades geográficas (os chamados dialetos), as variedades sociais (os dialetos dos vários segmentos sociais urbanos e rurais, os jargões profissionais, as gírias, os registros e gêneros próprios de cada atividade humana) e as variedades estilísticas (variedade próprias da fala, variedade próprias da escrita, estilos formais ou informais, familiares ou vulgares) (FARACO, 2012, p.39).

Ainda de acordo com o mesmo autor,

Não existe língua homogênea. (...) Uma língua é sempre uma realidade plural, isto é, uma língua é um conjunto de incontáveis variedades: inúmeros dialetos geográficos e sociais, variadíssimos estilos, incontáveis registros aliados às mais diversas atividades humanas (FARACO, 2012, p. 44).

Por conta das circunstâncias da sua heterogeneidade, a língua portuguesa é repleta de variações, comporta uma rica diversidade linguística e conta com expressões populares, que surgem a cada dia dentro desse universo das gírias. Essas expressões têm cada vez mais adquirindo espaço, ganhando força.

É pertinente considerar a imaginação e a criatividade que parte da mente do ser humano. Percebemos esse fato, observando os inumeráveis vocábulos criados para nomear coisas e objetos. São interessantes como usam metaforicamente as palavras para compartilhar os enunciados.

Comumente, deparamo-nos no nosso cotidiano com cantores de músicas funk que na composição da letra de suas canções, improvisa e adapta a gíria, que logo se propaga na cultura popular, geralmente, com o auxílio das representações dominantes da mídia.

Hoje, com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira,

identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos (PRETI, 2000, 2-3)

As variedades linguísticas convivem constantemente em conflito com a norma padrão da língua, que considera a uniformidade como uma das características primordiais. cremos que o vocábulo gírio não foge dos padrões da língua portuguesa, mas infelizmente, determinados usos linguísticos nem sempre são aceitos pela sociedade, gerando assim, o preconceito linguístico.

Etto (2017, p. 209) declara que “as sociedades aceitam ou rejeitam determinados usos linguísticos, pois é através da língua que os falantes revelam suas visões de mundo em suas comunidades, e tais visões, muitas vezes, contrariam interesses hegemônicos e dominantes”. Sabemos que essa problemática de padronizar a língua partiu da intencionalidade da elite dominante da nossa sociedade, desde a origem da norma padrão criando assim, o desprestígio das variedades, sem dar importância às diferentes modalidades da língua presente na cultura de um povo.

Em relação à origem do termo gíria Cabello (2002) afirma que: afirma que:

Em textos do século XVI aparecem os termos “gira”, “gíria” e “geringonça”, além do termo espanhol germânia, que em português quer dizer ‘gíria antiga’. No século XVIII, apontam a gíria como um tipo de linguagem especial, dentro de certa classe. Já os lexicógrafos têm entendimentos diferentes à propósito da origem do termo gíria. Adolfo Coelho, por exemplo, liga-o a geringonça, vindo do espanhol jeringonza, que possui acepção pejorativa por significar ‘linguagem complicada, inintendível’ (CABELLO, 2002, p. 169).

Acreditamos que o vocábulo gírio têm sido um referencial de poucas discussões, pesquisas e questionamentos entre alguns estudiosos, por ser vista como modalidade oral informal da língua, eminentemente caracterizada pelo estigma. Seus usuários sofrem discriminação social, a ponto de ser reconhecida como “língua dos malandros e malfeitores”. Para tanto, Bessa (2013) aponta que:

[...] vários preconceitos linguísticos envolvem esse tema. Estudiosos simpatizantes da gramática normativa parecem acreditar que esse tipo de variação seja exclusivo de pessoas de classe social baixa como, por exemplo, os moradores dos morros do Rio de Janeiro. Tais estudiosos acreditam que seja considerada uma linguagem marginalizada, sendo falada por jovens desse grupo. (BESSA, 2013, p.11).

A gíria pode ser uma particularidade informal, individual e coletiva de falantes que as usam no dia a dia. Uma identidade social, uma marca, um registro oral e pode, de acordo com o contexto de uso, servir de código secreto, na tentativa de se valer dela para fugir do perigo. Assim, podemos dizer que dependendo da nossa intencionalidade, esse recurso linguístico serve para manter relações pessoais e interpessoais com os interlocutores, os quais geralmente podem ou não, pertencerem ao mesmo grupo social.

Por ser linguagem de um grupo restrito, a gíria caracteriza-se por se manter intencionalmente secreta, sendo ininteligível aos profanos e funcionando como arma de defesa contra os demais elementos da sociedade. Assim sendo, a gíria apresenta constantes renovações lexicais, a fim de resguardar seu caráter criptológico; com isso, quando um termo extrapola o âmbito grupal, em virtude da alta frequência e/ou da expressividade, pode ser abandonado pelo grupo, uma vez que já não mais se presta como arma de defesa social do grupo, significando que se vulgarizou para a linguagem geral. (CABELLO, 2002, p.177).

Como foi dito anteriormente, essa expressão ideológica é categorizada com desprestígio, por isso poucos são os estudos específicos sobre esse fenômeno linguístico, falado em alguns níveis da nossa sociedade, que em certas ocasiões, serve de vocabulário exclusivos dos seus usuários. Nas palavras de Cabello (2002),

A gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns. Dessa forma, só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de identidade e de defesa social do grupo que a utiliza. Essa concepção de gíria está acoplada às origens que propiciaram o surgimento estigmatizado deste tipo de linguagem especial. (CABELLO, 2002, p.177).

É natural, em uma comunidade acontecer diferentes níveis de fala que posteriormente, acarretará no surgimento de novos itens lexicais. Assim, esses vocábulos, passarão a fazer parte da comunicação dos membros, que convivem geralmente na mesma área. Estas variações linguísticas, com o passar do tempo vão se tornando familiar, a ponto de se enquadrarem na própria linguagem da comunidade. Dessa forma, novos sentidos metafóricos surgem dando origem a novas palavras. Por isso, pessoas que estão fora do convívio grupal, percebem a diferença no discurso dos participantes.

Cabello (2002, p.179) aponta que a “gíria é uma linguagem metafórica que já se estendeu à fraseologia popular e que, por isso mesmo, é própria da linguagem oral e não da

escrita.” Em concordância com Cabello (2002), entendemos que a gíria transita livremente e é entendida e compartilhada entre os grupos.

Vale registrar que no nosso país, alguns estudiosos considerando o uso das variantes sociais, vêm trabalhando em função da riqueza da língua e seu uso na sala de aula nas atividades escolares.

Podemos compreender melhor a participação da gíria na oralidade a partir da explicação de Batista e Lima (2018).

No Brasil, mas precisamente nas últimas três décadas, muitos pesquisadores dos estudos da linguagem (BAGNO, 2007; TARALLO, 2001, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005) têm se dedicado a investigações no campo da Sociolinguística, insistindo que hodiernamente não é mais possível pensar no ensino de Língua Materna (LM) sem levar em consideração o conjunto das variantes sociais (BATISTA e LIMA, 2018, 27 - 28).

O estigma de exclusão dificulta a linguagem da gíria, impondo de certo modo o distanciamento por parte de alguns membros da nossa sociedade e ao mesmo tempo, marcam seus usuários categorizando-os como desorganizadores da língua portuguesa sem considerar a criatividade presente nas construções linguísticas.

De acordo com Perez “a própria Linguística, ciência que estuda a linguagem, considera que as gírias são uma evolução que contribuem para a transformação da língua, e quem faz isso são os falantes, inseridos em diferentes grupos sociais”. Percebemos que a discriminação também está presente na sala de aula e, muitas vezes as variações linguísticas não são consideradas como marcas sociolinguísticas na comunicação. Por isso é importante refletir a cerca do assunto, para evitar a exclusão social dentro das unidades de ensino. Como afirma Bagno (1999),

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições estejam voltadas para a educação e as culturas, abandonem esse mito da “unidade” do português e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para planejarem suas políticas de ação junto com a população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão (BAGNO, 1999, 18- 19).

Concordamos com Faraco (2012, p. 46), quando afirma que “não é fácil romper com essas atitudes preconceituosas e discriminatórias porque elas estão profundamente enraizadas na nossa cultura”. Nesse sentido é imprescindível apontar que, temos uma variante linguística específica, uma identidade grupal que atua de forma isolada, que tem seu próprio vocabulário,

que em consequência disso, sofre com o preconceito, porém não deixa de ser uma variedade linguística dotada de uma sintaxe.

1.3 A gíria no cárcere feminino.

O cidadão perde a liberdade a partir do momento que ele é preso. Geralmente, esse fato acontece por este cometer certos delitos na sociedade, levando-o ao isolamento social. É neste ambiente carcerário que os (as) internos (as) cumprem pena, onde passam um determinado tempo entre as grades, como punição devido ao delito praticado.

A prática de crimes acompanha a população desde a antiguidade. A partir do momento que os seres humanos passaram a conviver em sociedade, foram determinados procedimentos aprováveis e reprováveis como forma de organizar as ações humanas. Para procedimentos reprováveis foram estabelecidas leis para punir os erros cometidos.

O Presídio Santa Luzia é a única unidade no Estado que abriga mulheres. Está localizado no Complexo Penitenciário de Maceió, no bairro Cidade Universitária, na Rod. BR-104-Norte, km 01, na cidade de Maceió – Alagoas. A referida unidade prisional tem à capacidade de 210 vagas para abrigar as encarceradas.

Vale mencionar que o sistema prisional é uma constituição governamental reservada para acolher pessoas privadas de liberdade, que passarão a cumprir pena sob custódia do Estado. Nas palavras de Damázio (2010, p.33), o “sistema prisional é parte do conjunto de mecanismos de controle social que uma sociedade mobiliza para punir a transgressão da lei”. É, portanto, dentro das unidades presente no complexo penal, que as apenadas convivem, enquanto esperam o tempo de comprimento da pena estabelecida pela lei de execução penal.

Quando as presas chegam à cadeia, elas ‘vêm da rua’ onde conviviam também com outras comunidades. Evidentemente, algumas trazem no seu repertório linguístico novas palavras, conseqüentemente, com novos sentidos. No entanto, também podem aprender novas palavras na instituição, em que permanecerá por um período de tempo.

Como foi dito anteriormente, não se pode negar que gíria falada na prisão traz uma linguagem que muitas vezes são geradas dentro da própria cadeia, porém outras vêm da comunidade onde moram e convivem com outras já existentes e assim, ela circula entre os seus usuários e às vezes servem de códigos entre os grupos.

Assim, podemos dizer que as gírias participam da linguagem da sociedade, ela surge devido à necessidade que os falantes sentem de gerar novos termos ou mesmo novos significados. São usadas também no sentido metafórico para vocábulos já existentes.

Cabello (2002, p. 178) faz menção à gíria como “signo de grupo restrito, além de marcada pelo estigma de origem, conduz a uma leitura do mundo específico do falante”. Nesse sentido, para exemplificar, observemos as interpretações presentes na palavra *ganha pão* (termo concedido pela colaboradora da pesquisa), subtende-se que o vocábulo está se referindo, a alguma forma de trabalho para ganhar o pão de cada dia, porém na gíria da cadeia, esse termo significa na verdade, parte do corpo humano conhecido como “*glúteos*”. Percebemos como as palavras designam outros significados metafóricos.

Nesse processo de designação subjetiva, os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo. Daí podermos considerar a gíria como um dos instrumentos verbais na luta de classes. Essa perspectiva pode ser observada em metáforas como grude, para comida, gíria nascida no vocabulário de detentos e, depois, vulgarizada para comida dos operários, em que semas depreciativos como repulsa, condenação, crítica se associam ao sentido respeitoso de alimento. Enquanto isso, jumbo, nome de uma antiga rede de supermercados, nomeia por um processo metonímico, na gíria penitenciária, os saquinhos de comida levados à prisão pelos familiares do preso. (...) Da mesma forma, jaula, para cela, em que o detento se aut nomeia um animal na sociedade e assume uma posição de julgamento, de crítica em relação às condições em que vive; ou como piranha, para prostituta, em que a profissão é circunscrita à obsessão pelo dinheiro e comparada à voracidade da piranha (PRETI, 2000, p.4-5).

Se bem, que o usuário exprime por meio da gíria, a visão que ele tem do mundo em sua volta. Relaciona as palavras, e as comparam com situações vividas no dia a dia. O sentido presente na palavra original, expressa outro significado que lhe é transmitido e a compreendemos rapidamente.

As aglomerações dentro das unidades carcerárias se tornam um ambiente onde o autoritarismo de algumas recruza prevalecem, e concorrem para possíveis desentendimentos. Esses desentendimentos são na sua maioria, gerados devido a divergentes opiniões dos membros que ocupam esse espaço populacional. Assim sendo, esse recinto se torna propício para o uso das gírias, que nesse contexto, servem de escudo por meio de códigos secretos, mas literalmente, são usadas em outras situações em que envolva a linguagem.

Ademais, levando em conta a gíria dentro do contexto da linguagem informal, não se pode desconsiderar o seu uso dentro das prisões, local onde se mesclam divergentes populações.

No entanto, concebemos que são poucos, os termos gírios registrados nos dicionários, acreditamos que por ser uma linguagem oral informal, não mereça ser apontada, mas nem por isso, podemos considerá-la como “errada”. Às vezes, a forma como alguns conceituam a linguagem informal, estigmatiza, oprime e exclui as pessoas que utilizam esse recurso linguístico popular, desconsiderando a língua e a cultura de um povo que a usa na sociedade.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO CÁRCERE

As políticas públicas dentro do Complexo Penitenciário de Maceió têm adotado entre outras medidas, programas para contribuir com o desenvolvimento e assistência a população carcerária. De acordo com Lopes et. al (2008, p. 5), “as Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público”. Subtende-se que é obrigação do Estado possibilitar por meio de leis governamentais o bem comum da sociedade, resguardar a vida, e buscar dar segurança a população.

É do nosso conhecimento que é dever do Estado punir o cidadão que infringe as leis do código penal, todavia esse detento tem seus direitos previstos pela constituição como, o direito a alimentação, a saúde, ao trabalho, a educação, entre outros.

[...] a Constituição de 1988 garante a educação como direito de todos e dever do Estado, devendo ser fomentada pelos governos, com o incentivo da sociedade em geral, auxiliando na preparação do indivíduo para o mundo do trabalho, como também, preparando os sujeitos para cumprir seus direitos e deveres, buscando uma sociedade mais justa e equilibrada (...) (MELO, 2016, p. 7).

Andréa Rodrigues de Melo, agente penitenciária e especialista em gestão penitenciária mostra como as políticas públicas de educação e trabalhos inseridos no Sistema Penitenciário Alagoano intervêm, positivamente, no aprendizado e na vida dos reeducandos privados de liberdade, que compõem o quadro de aprendizes das Unidades Prisionais.

A Administração Penitenciária do Estado de Alagoas tem por missão institucional contribuir para a recuperação social do (a)s reeducando (a)s, do(a)s egresso(a)s, do(a)s interno(a)s e do(a)s cumpridor(a)s de penas e medidas alternativas colaborando com a recuperação da autoestima, incentivando e proporcionando oportunidades de trabalho, estudo e qualificação profissional, quebrando preconceitos e cooperando com a melhoria de vida desses homens e mulheres e de suas famílias, efetivando assim o princípio da dignidade da pessoa humana através de ações factíveis de inserção social (MELO, 2016, p. 49).

As ações aplicadas pelas políticas públicas concernentes à reconstrução dos sujeitos encarcerados garantem uma maior assistência educacional e laboral para a população

carcerária. Contudo, gera a construção de saberes e a oportunidade de aprender uma profissão. O Estado tem intensificado esforços para promover a reintegração social em Alagoas por meio de ações desenvolvidas no Sistema Penitenciário. A Secretaria de Estado da Ressocialização e Inclusão Social (Seris) assegura que:

A política implantada na unidade permite que as reeducandas não fiquem com tempo ocioso. Diariamente as custodiadas trabalham nas oficinas da Fábrica de Esperança: Pintura em tecido, filé, biscuit, corte e costura”. Além das atividades laborais as reeducandas dedicam uma parte do dia para o estudo. Na Indústria do Conhecimento (uma parceria inovadora com o Sesi) elas recebem curso de informática básica e também desenvolvem o hábito da leitura (PRESIDIO FEMININO SANTA LUZIA - SERIS, 2015 p.1).

A educação e o trabalho são veículos essenciais para conduzir as pessoas a enxergarem a realidade por outro ângulo. No geral, as apenadas que adentram no sistema penitenciário alagoano, tem um perfil marcado pela baixa escolaridade. Enquanto algumas não chegaram a concluir seus estudos, outras não tiveram a oportunidade de estudar.

Em Alagoas, o perfil das mulheres presas são mães solteiras, jovens e com baixa escolaridade, ou seja, são elas que têm a responsabilidade de manter a família, muitas vezes não tem a possibilidade de estudar, seja ensino básico ou técnico, muito menos pagar cursos profissionalizantes. O fato de não ter onde e com quem deixar os filhos, estar em situação de risco, vivendo sem condições mínimas para desenvolver-se, impulsiona à prostituição, ao tráfico de drogas e outros ilícitos. Os traficantes, assaltantes e chefes de gangues, nestes momentos são opções que podem garantir o sustento imediato destas mulheres (PRESIDIO FEMININO SANTA LUZIA - SERIS, 2015 p.1).

Por isso, a integração das detentas em programas educacionais pode ser uma alternativa para prepará-las para uma nova perspectiva de dias melhores no futuro. Assim, o período que estas vão passar na prisão, pode ser aproveitado para trabalhar e estudar. Partindo dessa perspectiva, as enclausuradas podem trabalhar o “seu senso de autovalorização”, para após a execução da pena, ser levadas de volta a sociedade.

Em 2011 foi criado setor de Reintegração Social, com a finalidade de reduzir a reincidência criminal através da promoção da inclusão social, logrando-se a busca da quebra de paradigmas enfrentados por reeducando (a)s e egresso (a)s, que, ao tentar retornar ao mercado de trabalho, são estigmatizado (a)s e penalizado (a)s numa “pena perpétua”, por terem passagem na prisão ficam condenado (a)s a exclusão profissional, culminando, inevitavelmente, com a reincidência criminal (MELO, 2016, p. 49).

A implantação de projetos dentro do cárcere possibilita ao infrator (a) uma chance de reconhecer a fundamental importância do estudo e do trabalho, como forma de valorizar o que, no passado para eles, não foi possível realizar ou talvez não tenha valorizado. Nas palavras de Melo (2016, p. 4) a educação da pessoa privada de liberdade em Alagoas está regulamentada, por meio da Resolução Estadual nº2/2014, de 08/04/2014 e o trabalho, através da Portaria nº510/SERIS/2015 de 10/11/2015.

Sabemos que o mundo do crime oferta inúmeras formas de se ganhar dinheiro fácil e essas possibilidades na sua maioria, tem levado as pessoas a aderirem a essas ofertas em prol de viver a vida praticando atos ilícitos e usufruindo de bens alheios, o que os levam a punição com pena de prisão.

Melo (2016, p.6) aponta o panorama atual da população carcerária brasileira e retrata que o nosso “país é a quarta nação com maior número absoluto de presos no mundo, atrás apenas de Estados Unidos, China e Rússia”, de acordo com os “(dados da ICPS – International Center for Prison Studies)”. A Fábrica de Esperança engloba em seus objetivos a ressocialização como fator relevante na transformação dos apenados. Conforme apregoa Damázio (2010),

Ressocializar é emancipar o sujeito, orientá-lo dentro da prisão para que ele possa ser reintegrado à sociedade de maneira efetiva, evitando com isso a reincidência. A ressocialização tem como objetivo a humanização da passagem do detento na instituição carcerária, implicando numa orientação humanista, passando a focalizar a pessoa que delinuiu como o centro da reflexão científica. Um vasto problema é que, ao se falar em ressocialização e reeducação é preciso levar em consideração que se trata de indivíduos que não tiveram, ao longo de suas trajetórias biográficas, suficientes oportunidades de acesso a bens e serviços necessários para uma socialização bem sucedida. A sociedade não pode julgar os presos somente com base em seus atos, mas também considerando-se a realidade social em que vivem (DAMÁZIO, 2010, p. 58).

Com respeito à linha de produção laboral, Melo (2016, p.18) mostra que “o Sistema Penitenciário de Alagoas possui mais de 25 setores externos as unidades prisionais, com a ofertar de trabalho aos privados de liberdade, mantidas pela Administração Pública”, entre eles, a gestora destaca: bordado, filé, crochê, teneriffe, tornearia em madeira, decoupage, pintura em tecido, mercearia artesanal, serigrafia, padaria, saneantes, horta, capinagem, mecânica, jardinagem, corte e costura e serviços gerais.

Melo (2018, p.3) garante que,

[...] no que tange à garantia das ações de capacitação profissional / ações profissionalizantes / ensino profissionalizante / oferta de trabalho de pessoas presas, internadas ficam sob a responsabilidade da Gerência de Educação, Produção e Laborterapia (GEPL/SERIS) (MELO, 2018, p.3).

Sabemos que o sujeito apenado que hoje está encarcerado na penitenciária é um indivíduo que certamente voltará a conviver em sociedade. Voltando ao convívio social, é importante que o condenado que já está pagando a pena por transgredir a lei, tenha oportunidade de estudar e trabalhar. Ressocializar exprime reintegrar socialmente.

2.1 Fábrica de Esperança: Projeto Ressurgir

O Projeto Ressurgir é um processo de reintegração social que procura capacitar profissionalmente as reeducandas que trabalham na Fábrica de Esperança, para atuarem no mercado de trabalho.

Vasquez (2011, p. 14), ressalta que [...] o termo “reeducando” é usado no sentido de que reeducar a pessoa presa é ser educado novamente como tentativa de se modificar ou transformar o comportamento humano. E é através da implantação das oficinas artesanais que as custodiadas aprenderão um novo ofício. Essas custodiadas estão no Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia- EPFSL. Para tanto,

[...] em 2003, surge a Fábrica de Esperança, programa idealizado com o intuito de criar oportunidades para indivíduos que buscam alternativas para real mudança de vida. Em 2009, o programa Fábrica de Esperança foi ampliado e melhor estruturado, já que o trabalho dentro do Sistema Prisional é considerado um vetor transformador, talvez o principal, responsável pelas boas perspectivas de futuro, de pessoas que muitas vezes não acreditam em mais nada (MELO, 2018, p. 4).

Resgatar a dignidade humana através do trabalho é um dos objetivos da Fábrica de Esperança que por meio do Projeto Ressurgir, assiste de segunda as sextas – feiras, das 7h às 16h (com 1h de intervalo para o almoço), cursos profissionalizantes e laborterapia (terapia ocupacional) aos privados de liberdade. Em anexo do texto de Melo (2018, p.10-21) a gestora mostra as atividades produzidas no Sistema Penitenciário, por meio de registro fotográfico.

Pensando em atender as necessidades da população carcerária, Melo (2016), aponta que:

Promover a dignidade dos custodiados, por meio da oferta de trabalho, é uma das metas da Secretaria da Ressocialização e Inclusão Social (SERIS). Instituições públicas e privadas mantêm parceria com a SERIS e com a mão de obra carcerária, os parceiros melhoram os serviços ofertados à população, além de contribuir com a SERIS no processo de reintegração social de quase 400 reeducandos que trabalham atualmente em Alagoas. É fundamental o apoio da sociedade para gerar oportunidade e mudar a vida dos apenados (MELO, 2016, p. 51).

Assim, as reeducandas saem nos dias úteis da Unidade Prisional Santa Luzia para trabalhar no Pavilhão do artesanato, lotadas em um ônibus do próprio sistema penitenciário onde, participam de oficinas profissionalizantes e tem a oportunidade de aprender técnicas manuais.

Gostaríamos de salientar que ainda dentro da unidade prisional, as custodiadas passam pela revista, para poderem sair para as atividades de laborterapia. Deslocam-se da unidade, sob escolta dos agentes penitenciários que prestam serviço no Presídio. Trabalham 08 (oito) horas por dia, retornando às 16 horas para Estabelecimento Prisional Feminino Santa Luzia, onde voltam para as celas.

O filé é uma técnica artesanal que utiliza linhas e agulha e também de uma rede esticada em um tear, para poder ser desenvolvida a trama. Com o tear em mãos as detentas fabricam blusas, passadeiras, vestidos, saída de praia, jogo americano, marca-textos, entre outros.

De acordo com Melo (2016, p.19) o Programa Fábrica de Esperança trás como benefícios o “aprendizado, a remição de pena e $\frac{3}{4}$ do salário mínimo vigente (proporcional às horas trabalhadas)”. Para tanto, como forma de pagamento são criadas “contas bancárias (individual e nominal ao custodiado)”. Melo (2016) reforça que

[...] os produtos confeccionados no Artesanato de Sistema Prisional são apresentados à população, através do projeto ressurgir, do Programa Fábrica de Esperança, idealizado com o objetivo de renovar a confiança do(a) custodiado(a), despertando nesses indivíduos a possibilidade de dias melhores para tentar seu retorno à sociedade com um novo olhar (MELO, 2016, p.23 e 24).

Assim, os materiais confeccionados são divulgados e comercializados em feiras e exposições em órgãos públicos. Para garantir maior divulgação do programa e expor os produtos do artesanato, Melo (2016) discorre que a SERIS monta a tenda do Projeto

Ressurgir, na praia da Ponta Verde, das 8h00 as 14h00 todos os domingos, em parceria com o projeto da banda da Polícia Militar “venha ver a banda tocar”.

Para a gestora de Educação e Laborterapia, o Projeto Ressurgir busca divulgar os produtos confeccionados pelas reeducandas e também inserir, paulatinamente, a custodiada na sociedade, dentro da política de ação do governo na construção de uma nova Alagoas.

Assim, na tentativa de contribuir com o processo de transformação dos (as) reeducandos (as) que trabalham no setor de laborterapia carcerária, a agente penitenciária e gerente de Educação, Produção e Laborterapia Andréa Rodrigues de Melo desenvolveu o projeto Ressurgir e tomou como lema o símbolo mitológico da Fênix.

Em relação à fênix (Bulfinch, 2002) explica que:

A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há certa espécie que se reproduz sozinha. Os assírios chamam-a de fênix. Não vive de frutos ou flores, mas de incenso e raízes odoríferas. Depois de ter vivido quinhentos anos, faz um ninho nos ramos de um carvalho ou no alto de uma palmeira. Nele ajunta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre, exalando o último suspiro entre os aromas. Do corpo da ave surge uma jovem fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora (BULFINCH, 2002, p. 362-363).

Nessa mesma linha Mouret (2014) explica que a fênix “era tida como um símbolo de persistência, de transformação, de recomeço e, principalmente, de esperança, como se fosse uma vitória da vida sobre a morte”. O projeto recebeu o nome de Ressurgir, salienta Melo (2016, p.24), devido a dois fatores; primeiro, porque faz “alusão á Fênix’, ave mitológica que “ao morrer entrava em autocombustão e, passando algum tempo renascia das cinzas e com sua força podia transportar em vôo, cargas muito pesadas (...)”. Segundo, porque muitos apenas agregam sua atual situação à “morte”. Dessa forma, a função do projeto é de ajudar as reeducandas a se fortalecerem para conseguirem se restabelecer e voltar a conviver em sociedade. Baseado na crença da ave lendária surge à esperança de um novo nascimento.

Entendemos que ressocializar é um processo de recuperação que oportuniza um novo olhar para vida, com perspectivas de transformações. Durante as atividades na oficina de filé, “bordado genuinamente alagoano” observamos o talento que as detentas mostram na confecção das peças por elas produzidas. A forma como elas organizam e selecionam as cores, mostra como elas são competentes e talentosas. Esse novo olhar nos dá esperança de mudanças.

É válido destacar que foi nas atividades de laborterapia em que trabalhamos como professores do bordado filé, localizado no Pavilhão de Artesanato no Complexo Prisional de Maceió, que conseguimos observar na fala das encarceradas, uma linguagem vocabular bem diferente das que estávamos acostumadas a ouvir no nosso cotidiano, por isso adotamos como procedimento, um levantamento dos usos, junto às recusas de alguns termos recorrentes usados na linguagem verbal informal. Esse foi exatamente o principal motivo para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizar um trabalho exploratório sobre o léxico que as custodiadas utilizavam na oficina de filé, enquanto conversavam baseado nos estudos sociolingüísticos.

No que diz respeito ao trabalho, vivemos em uma sociedade em que o capitalismo predomina fazendo com que se reconheça e valorize o consumo e o lucro, como um dos fatores necessário para o sustento das sociedades. Portanto, o trabalho dignifica o cidadão, principalmente, por este ser ressarcido. Para a Melo a reintegração social é um fator importante para preparar as custodiadas para o retorno ao mercado de trabalho.

Criar condições para que o preso aprenda um ofício, pode contribuir para mudar realidades frustradas dos privados de liberdade, pois através de estímulos dado ao preso, pode trazer mudanças na forma de encarar a vida e voltar a viver em sociedade.

Assim, esperamos que os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante a permanência das custodiadas nas oficinas do artesanato, contribuam para uma nova perspectiva de vida, como forma de sustento, após receberem o alvará de soltura. O trabalho e a educação são formas de mostrar para essas pessoas privadas de liberdade que viver é ter dignidade e que a mudança através da experiência adquirida pode ser possível de acontecer.

2.2 Educação: instrumento de reintegração social.

É do nosso conhecimento que a educação é o caminho que conduz o cidadão ao conhecimento e ao aprendizado. Todavia, o dever de educar não é da escola. Na verdade, a Educação Escolar ensina aos estudantes as habilidades linguísticas e procura complementar com a transmissão de valores morais por meio de contos literários e outras diretrizes. A família sim deveria ser a primeira escola onde os membros deveriam receber desde cedo as boas condutas para conviver em sociedade. A esse respeito Pereira (2015, p. 1) afirma que:

Quem educa mesmo são os pais. É a família quem deve mostrar o certo e errado às crianças, adolescentes e jovens. São as mães, pais, avós ou qualquer adulto a quem caiba a missão de educar que deve mostrar o certo e o errado, inclusive por meio de exemplos. Talvez não haja nada mais difícil do que formar pessoas. Também não há nada mais desafiador e necessário. (...) As escolas foram concebidas para ensinar. Nos dias atuais, dias onde prevalecem a carência de valores e políticas públicas que a sociedade enfrenta muito se discute sobre o papel que necessariamente é da família: o de educar (PEREIRA, 2015, p.1).

Sendo assim, consideramos a educação como um todo, como um dos fundamentos para formação de uma sociedade humanitária, pois além de abranger várias áreas do conhecimento, ela se apresenta também por meio de relacionamentos, princípios morais e condutas, influenciando assim, nas situações comunicativas da sociedade em geral.

A educação no sistema penitenciário é iniciada a partir da década de 1950. Até o princípio do Século XIX, a prisão era utilizada unicamente como um local de contenção de pessoas – uma detenção. Não havia proposta de requalificar os presos. Esta proposta veio a surgir somente quando se desenvolveu dentro das prisões os programas de tratamento. Antes disso, não havia qualquer forma de trabalho, ensino religioso ou laico (NOVO, 2018, p. 2).

Quem estuda aprende e adquire conhecimentos, e de acordo com o aprendizado adquirido durante o estudo, se pode modificar e garantir novos valores, pois por meio das destrezas linguísticas se assimila informações e se aprende novos conteúdos, os quais a sociedade exige dos cidadãos como forma de relação interpessoal, pois as relações influenciam tanto nos processos de conduta como nos processos linguísticos.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BAGNO, 1999, p. 21).

A Educação Escolar é um direito de todos e dentro do complexo penitenciário existe para contribuir na sua formação cultural e instruir o reeducando, com a finalidade de devolvê-lo a sociedade com outro pensamento, refletindo sobre sua conduta anterior. Novo (2018) destaca que

A educação é importante na recuperação muitos detentos têm baixos padrões de escolaridade. Uma parcela significativa não domina as competências básicas de leitura e escrita, esse baixo nível de escolaridade afetou suas vidas e pode ter contribuído para que cometessem delitos, por isso os programas e projetos de educação nos presídios são importantes para desenvolver nos encarcerados seu senso de autovalorização (NOVO, 2018, p.5).

Sustentada em seu trabalho em prol da melhoria dentro do Complexo Penitenciário Melo (2016, p.6), explica que “o Sistema Penitenciário de Alagoas possui mais de 1.100 vagas para assistência educacional, divididas entre educação básica, ensino superior, qualificação profissional e preparação para o mercado de trabalho e atividades complementares”. Pensar em reintegração social é pensar em promover a educação. O acesso a escola é um fator relevante para que o privado de liberdade possa adquirir conhecimentos.

Acreditamos que a educação seja uma alternativa relevante para modificar a maneira de pensar do reeducando. É mostrando a importância do estudo na formação do cidadão, que se prepara o reeducando para o retorno ao convívio social. Desse modo, cremos que trazendo o preso para sala de aula, promovemos o seu crescimento enciclopédico.

A esse respeito, Novo (2018) afirma que

O nível educacional geralmente baixo das pessoas que entram no sistema carcerário reduz seus atrativos para o mercado de trabalho. Isso sugere que programas educacionais pode ser um caminho importante para preparar os detentos para um retorno bem-sucedido à sociedade (NOVO, 2018, p.2).

Damázio (2010, p. 83) reforça que “o direito à educação e ao trabalho, que estão vinculados à formação e ao desenvolvimento da personalidade do preso, são direitos sociais de grande significação”. Os experimentos relacionados à educação e ao trabalho contribuem, significativamente, na formação do cidadão. Reintegrar socialmente implica voltar ao convívio social, ou melhor, estabelecer relações com a sociedade.

2.3 Projeto Lêberdade: uma perspectiva para ressocializar.

Entendemos a educação como um dos pilares para formação de uma sociedade. Vislumbramos que abranja varias áreas do conhecimento e se mantenha por meio de

relacionamentos, princípios morais, ensino e condutas, influenciando assim, nas relações sociais estabelecidas na sociedade em geral.

Dentro das unidades dos complexos penitenciários é comum em meio à aglomeração de pessoas que lotam as cadeias, encontrarmos uma carência tanto em relação à conduta, como em relação às práticas de leitura e escrita, em meios as circunstâncias vividas dentro das unidades penais. Assim como medida educativa em prol do crescimento educacional e cultural, Melo (2016, p. 8) aponta o seguinte questionamento:

[...] como garantir o acesso da educação a todos, num ambiente inóspito, superlotado, onde muitas vezes os princípios fundamentais não são respeitados? Então, pensando em uma alternativa exequível para alcançar os diversos encarcerados em Alagoas, é que propomos a implantação do Projeto Lêberdade, onde o indivíduo privado de liberdade poderá atingir sua almejada liberdade de duas formas: fisicamente – com a saída da prisão, através da remição da pena pela leitura, e subjetivamente por meio do conhecimento adquirido, onde a leitura poderá levá-los a mundos imagináveis (MELO, 2016, p. 8).

Desenvolvido pela Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social (SERIS) em parceria com outras secretarias e o Poder Judiciário, o Projeto Lêberdade contempla até então, mulheres encarceradas na Unidade Prisional Santa Luzia. A remissão de pena pela leitura é uma das metas a serem alcançadas caso a reeducanda inserida no projeto consiga cumprir com as normas estabelecidas pelo programa. Cada participante tem direito a ler um livro por mês. Para cada exemplar lido a reeducanda tem o direito a (04) quatro dias a menos na prisão.

A Remição da pena pela Leitura é um projeto que já vem sendo desenvolvido no Sistema Penitenciário Federal brasileiro. Trata-se de uma proposta de incentivo e fomento à leitura, interpretação e construção de textos como: relatórios e resenhas críticas, tendo como ponto de partida, desenvolver o hábito de ler, e, por conseguinte, remir os dias daqueles contritos a sua liberdade, tal como, preceitua a Lei de Execução Penal (MELO, 2016, p.6).

É notório que o amadurecimento intelectual dos leitores e a construção do saber são também intermediados por meio de experiências de leituras que produz transformações na bagagem linguística do leitor, devido às informações que os textos transportam, as quais contribuirão para modificar sua conduta comportamental e também a expressão escrita.

Acreditamos que o primeiro passo na formação de bons leitores seja descobrir o prazer pela leitura, contudo, para que a leitura venha a ser de fato proveitosa é importante tanto o

interesse do leitor pela obra, como os estímulos que este recebe como ação para que a leitura seja de fato significativa. Como membros de uma sociedade letrada saber ler concorrem para tornarmos sujeitos mais esclarecidos e críticos, pois em decorrência ao crescente progresso abrem-se oportunidades as quais se devem abarcar e surgem desafios que devem ser vencidos.

O incentivo à leitura, nos espaços prisionais, passa por um caminho que vai além da escolarização e ressocialização. Uma vez que, além de desenvolver um senso crítico. Levando os sujeitos a apropriarem da produção de sentido e da construção do conhecimento, promove-os/as efetivamente para a inserção na sociedade da melhor maneira possível. (MELO, 2016, p.9).

Pessoas que leem, seguramente, são cidadãos muito mais informados, apresentam um vocabulário diferenciado dos demais, são mais críticos e tem facilidade de manuseio com a escrita. Dada a importância a esses fatores que a leitura proporciona, destacamos que ler não se refere simplesmente a decodificar palavras, mas ir além daquilo que está no texto. A esse respeito Melo (2016, p.9), frisa que “o fato notório é que quem lê, consegue melhorar o vocabulário, amplia o conhecimento de mundo e ajuda a aprimorar a escrita. Além de adquirir autonomia do conhecimento, sobre aquilo que leu. Por isso é que acreditamos, que a leitura liberta”.

Ao atrelarmos o relevante papel da leitura na vida das pessoas com as ações educativas de caráter ressocializador, vemos que a leitura é de extrema importância na relação preso-mundo, pois possibilita reflexões e nova compreensão de si e do mundo. A leitura representa a possibilidade de reinserção no mundo social, de autonomia e de liberdade. É nesse contexto, que a leitura contribui para a reinserção, no convívio em sociedade, dos (as) privados (as) de liberdade (MELO 2016, p.9),

O público - alvo a quem são destinados a participar do projeto são os presos (as) condenados (as), do regime fechado, do Sistema Penitenciário de Alagoas que saibam ler e escrever. Para o desenvolvimento do Projeto Lêberdade, Wasty (2017) aponta que:

Para realizar o projeto, fases de desenvolvimentos serão implantadas, consistindo em divulgação, seleção, adesão, processo de ação e destinação da produção. A adesão deve ocorrer de forma voluntária. Desta forma, cada participante receberá um livro por mês, de acordo com o acervo da biblioteca do sistema prisional. Ao receber o livro, o custodiado receberá orientações básicas sobre leitura e escrita, bem como a cópia da portaria que regulamenta o funcionamento do projeto. Ele terá de 21 a 30 dias para a leitura da obra e prazo máximo de dez dias para elaboração do texto, que ocorrerá de forma presencial, sob orientação pedagógica (WASTY, 2017, p.1).

Os livros disponibilizados para leitura são retirados do acervo da biblioteca do Sistema Prisional de Alagoas. Assim, as detentas que aderirem ao projeto receberão no estabelecimento penitenciário, juntamente com o regulamento estabelecido, os livros para leitura inclusive, obras literárias. Em relação à remição de pena, Wasty (2017) acrescenta que:

(...) é prevista na Lei de Execuções Penais (LEP), que possibilita ao preso condenado ou a quem está cumprindo medida cautelar, a redução do tempo de permanência na prisão por meio do trabalho e/ou estudo regular. Desta forma, a cada três dias de trabalho, bem como ao completar 12 horas de estudo, há a remição de um dia na pena (WASTY, 2017, p.1).

Uma vez que, na execução da resenha ou resumo se a reeducanda não alcançar a nota prevista pelo projeto “igual ou superior a cinco, conforme o sistema avaliativo adotado pelo Ministério da Educação (MEC)” terá nova oportunidade de refazer o texto, pois “o objetivo não é reprovar, é estimular, é orientar” aponta Wasty (2017)

Para a avaliação dos textos, a equipe de operacionalização do projeto levará em consideração critérios como estética do trabalho, limitação ao tema, compreensão e compatibilidade do texto com o livro, além de fidedignidade do trabalho com a obra. Haverá também arguição oral, sendo necessário conhecimento do tema para fins avaliativos. Os trabalhos receberão notas que poderão variar de zero a 10, sendo consideradas aprovadas as produções escritas, com arguição oral, que atingirem nota igual ou superior a cinco, conforme o sistema avaliativo adotado pelo Ministério da Educação (MEC) (WASTY, 2017, p.1).

Espera-se que o contato com as obras literárias e os conhecimentos adquiridos por meio das leituras no decorrer destas atividades, possa modificar o comportamento e a conduta das sentenciadas, e ao mesmo tempo, aprendam a valorizar as coisas ao seu redor, além, de enriquecer-se culturalmente, mediante essas práticas de leitura.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise dos dados da pesquisa, procedemos da seguinte forma:

a) No primeiro momento, foi feito um levantamento do vocabulário proferido oralmente pelas participantes da pesquisa.

b) Em seguida, selecionamos cerca de 70 itens lexicais, que foram agrupados com seus respectivos significados em uma tabela.

c) Por último, de posse do vocabulário documentado, elaboramos um estudo para verificar e exemplificar as expressões metafóricas presentes nas unidades lexicais coletadas.

Antes de nos debruçarmos na análise de alguns itens selecionados da nossa pesquisa, vale atestar que a coleta dos dados aconteceu no Pavilhão do Artesanato, local onde as reeducandas trabalham durante toda a semana. O apanhado lexical aconteceu entre os meses de fevereiro e abril do ano anterior, 2020.

A primeira gíria escolhida para análise foi à palavra “**bailarina**”, que nos remete a uma dançarina do sexo feminino que pratica movimentos por meio da dança. Não obstante, na linguagem das internas, a mesma palavra adquire sentido totalmente divergente, é empregada para referir-se a “caneta”, um substantivo simples, instrumento que serve para escrever. A caneta “dança” no movimento que a mão faz no momento do ato da escrita. Um objeto inanimado recebe caracteres referentes a seres humanos, pois ela dança e é magra como uma bailarina literalmente falando. Nesse sentido, a palavra bailarina está exercendo uma função substantiva.

O segundo termo gírio exemplificado é a palavra “**Tereza**”, nome próprio do sexo feminino, todavia na linguagem das reclusas, se refere a uma corda feita com lençóis, geralmente, utilizada para fuga ou para transportar objetos de uma cela para outra. Nesse contexto, perguntamos as informantes, porque o nome “Tereza” foi escolhido para se referir a uma corda. As reeducandas responderam que “não sabiam informar”, só explicaram que “quando chegaram à cadeia, a palavra já existia na fala das presas”. Percebemos então, que um substantivo próprio passa a ser um substantivo comum.

O terceiro item selecionado é o vocábulo “**boi**” que, com base nos estudos de Kury (2010, p.134), esse animal é “um mamífero ruminante utilizado pelo homem no trabalho de carga e como alimento”, mas na linguagem das reeducandas, essa palavra é usada para referir-

se ao “vaso sanitário”. Como o boi é um animal que come capim, as reeducandas associam o capim a tudo que ali é depositado, inclusive aos pelos dos órgãos genitais.

O quarto item analisado é a palavra “**coração**” que, segundo Kury, (2010, p. 269), significa “órgão musculoso, centro da circulação do sangue”, todavia no linguajar das presas, remete a um “chip de celular”. Na realidade, compreendemos que o chip dá “vida” ao celular, sem o chip o celular não funciona. Assim, como o coração, órgão fundamental para o funcionamento do corpo humano.

O quinto item analisado é a palavra “**retrovisor**”. A expressão coletada na linguagem das reeducandas remete ao espelho. Nos apontamentos de Kury, (2010, p. 958) o retrovisor se refere a um “pequeno espelho colocado num veículo em tal posição que permite a quem guia ter uma visão do que se passa por trás”. Às vezes, as presas utilizam o espelho para ver quando os agentes penitenciários se aproximam da cela. Com isso, elas alertam as companheiras que os agentes estão se aproximando.

O sexto termo gírio analisado é a sentença “**tá moscando**”. A expressão na linguagem da cadeia significa que a pessoa está alheia aos acontecimentos, com o pensamento longe da realidade, deixando de apreciar certa situação que envolve maior atenção.

De acordo com Kury (2010, p. 722), o termo “moscar” é um verbo intransitivo e pronominal, que significa “fugir das moscas, como gado”. Do ponto de vista gramatical, temos o vocábulo (moscando) antecipado da forma flexionada do verbo “estar” na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, porém verificamos a suspensão da sílaba inicial que se dá no começo do verbo. Nesse sentido, deduzimos que o encurtamento é um processo comum nos eventos discursivos; uma tendência de uso da língua portuguesa. Geralmente, o usuário da língua se apossa desse tipo de forma contraída do verbo nas construções que são aceitas nas relações comunicativas. A expressão “ta moscando” é uma construção perifrástica (estar + gerúndio), formada com o verbo auxiliar “estar” na forma informal (tá), seguido da forma nominal no gerúndio “moscando”.

A sétima gíria analisada é a sentença “**Come quieto**” que nos remete a ideia de que alguém se alimenta calado, quieto no seu lugar. Porém, na linguagem das reeducandas a sentença é atribuída ao local revestido por lençóis em volta da cama beliche, onde acontece o ato sexual entre casais, nos dias de visita íntima.

A oitava gíria analisada é a expressão “**Tá embaçado**” que na língua da cadeia é usada para designar uma situação difícil de resolver, uma situação complicada.

Segundo Kury (2010, p. 376), a palavra designa algo que “perdeu o brilho; que se tornou baço; embaciado”. Durante a investigação fomos informados pelas participantes que às

vezes elas pretendem fazer algo para seu próprio benefício, no entanto, às vezes são impedidas por alguma situação que acontece, como por exemplo: alguém que está se aproximando. Então, elas alertam as companheiras sobre o ocorrido para que fiquem na dela que “sujou, o bicho tá pegando, tá embaçado”.

A nona gíria analisada é a sentença “**Se jogue**” que na fala das reeducandas significa “uma forma encontrada para pedir que outra presa se retire do local”. É sabido que a gramática normativa prega que no início de frases com pronomes oblíquos átomos, a partícula “*Se*” deve ser colocada após o verbo. Elas, por sua vez, antecipam deslocando o pronome para o início da frase. Na linguagem oral esse procedimento é compreendido por qualquer usuário da língua independente ou não do processo de deslocamento.

Queremos salientar que durante o período de coleta de dados, as reeducandas aceitaram colaborar com o estudo e responderam espontaneamente aos questionamentos, sem nenhuma restrição, mesmo sendo expressões de uso restrito, não se negaram em falar sobre as gírias e seus significados.

Abaixo, apontamos a classificação do material coletado, catalogando os itens levantados em três classes como apresentados em seguida:

- a) Humano: envolve os seres humanos
- b) Não Humano: envolve as coisas e o ambiente em que vivem as reeducandas
- c) Comportamento: envolve aspectos comportamentais humanos, do ponto de vista das participantes da pesquisa.

No glossário, apresentamos a palavra e logo após, de acordo com a classificação indicada anteriormente, o seu significado na linguagem usada pelas reeducandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do trajeto percorrido pelos nossos ancestrais no decorrer da História e diante da realidade em que se encontra a sociedade contemporânea, as variedades linguísticas tão comum em uma comunidade de falantes tendem a seguir também, nessa trajetória, pois, somos considerados seres inovadores, capazes de criar e recriar formas peculiares de comunicação. Nesse sentido, consideramos as variedades como um fenômeno presente no sistema linguístico, que percorre os limites da linguagem, independente que se considere ou não, essas alterações fonéticas, pois elas estão mescladas na fala.

Por meio das análises, constatamos que as gírias da cadeia são extremamente interessantes por se constituírem de um repertório linguístico diversificado. Além disso, observamos que as reeducandas se utilizam das palavras fazendo assim, com que haja semelhanças entre elas, e com isso, conseguem manter relações interpessoais, driblando algumas situações corriqueiras comuns no sistema carcerário. As informantes fazem uma relação do objeto ou da situação ali estabelecida ao significado atribuído. Entendemos então, que elas se utilizam desses objetos presentes no cotidiano para se comunicarem entre si. Os termos utilizados na linguagem das reeducandas, nos remetem a associar comparações às ideias implícitas, para podermos conseguir entender as construções geradas. Temos então, uma transposição de sentidos que acontece por meio de uma comunicação metafórica. Então, se associarmos as expressões ao contexto em que se encontram as linguagens e as relações sociais as quais estão relacionadas, podemos verificar que as expressões em que envolvem aspectos comportamentais humanos são as mais utilizadas no âmbito prisional. Para podermos chegar a essa conclusão, partimos do corpus diante de vários registros que tomamos como exemplo.

Esperamos que este trabalho contribua mesmo de forma sucinta para ampliar as investigações na área da Sociolinguística, pois acreditamos que as pesquisas desenvolvidas na área da Linguística, não cessarão. São vários estudos linguísticos neste campo que apresentam propostas para conscientizar a respeito das modificações, presentes nos níveis linguísticos da língua portuguesa. No que tange as mudanças presentes na língua oral informal, como futuros professores de língua portuguesa, seria importante repensar o ensino e procurar participar de programas de formação continuada, no que diz respeito à formação linguística, para que mantenhamos um novo olhar para os processos de mudanças tão característicos nas escolhas lexicais que construímos quando falamos. Assim, esperamos que essa pesquisa sirva de

inspiração aos professores e que reflitam e investiguem acerca do tema e, conseqüentemente, possam ampliar os saberes linguísticos dos seus alunos.

Em suma, a partir do exposto, acreditamos que futuramente, as transformações no sistema linguístico, possam mudar o posicionamento de alguns gramáticos em relação ao preconceito linguístico, disseminado na visão de alguns que ignoram esse tipo de expressão. A linguagem caminha junto à sociedade, então, podemos entender que a gíria também tende a acompanhar essa progressão, até então, vista como companheira ligada à linguagem coloquial que vai de boca em boca “povoando” a língua. Esperamos também, que as oportunidades que acontecem em relação à educação e ao trabalho dentro dos muros do sistema prisional alagoano, possam contribuir para ampliar os conhecimentos adquiridos nesses projetos e conscientizar as reeducandas a respeito da valorização que se devem dar as oportunidades, que às vezes surgem em meio às diversidades da vida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é e como se faz.** São Paulo, Loyola, 1999.
- BATISTA, R. M. S., LIMA, J. M. **A sociolinguística na sala de aula: reflexões acerca do ensino de língua materna.** CLARABOIA, v.10, p. 26-40, jul./dez, 2018.
Disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1293/pdf>
Acesso em: 05/abr./2020.
- BESSA, W. A. **GÍRIA: Uma perspectiva de uso em sala de aula.** 2013.
Disponível em:
<https://biblioteca.uniritter.edu.br/imagens/035UNR89/0000E5/0000E544.pdf>
Acesso em: 15/jan./2020.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da Mitologia a idade da fábula: histórias de deuses e heróis.** Rio de Janeiro, 2002.
Disponível
em:<filosofianreapucarana.pbworks.com/f/O+LIVRO+DE+OURO+DA+MITOLOGIApdf>.
Acesso em: 01/maio/2019.
- BRUM Z. P., SINIAK, D. S. A gíria: a comunicação de adolescentes usuários de substância psicoativas. **Revista de Enfermagem da UFSM** 2011 Set/Dez; 403-411.
Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3556/2390>
Acesso em: 04/mar./2019.
- CABELLO, A. R. G. **Linguagens especiais: realidade linguística operante.** UNILETRAS. p. 167-182, 2002.
Disponível em:
<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/242/238/>
Acesso em: 14/jul./2019.
- CAGLIARI, G, CAGLIARI L. C. Fonética. In: Mussalim F. Bentes A. C, organizadores. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** V. 1 - São Paulo: Cortez. 2001.
- COELHO, I. L. [et al.]. **Sociolinguística.** Florianópolis – 2012.
Disponível em:
https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%25C3%25ADstica_UFSC.pdf Acesso em: 22/abr./ 2020.
- DAMÁZIO, Diane da Silva. **O Sistema Prisional no Brasil: problemas e desafios para o Serviço Social.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2010. Disponível em:
<http://tcc.bu.ufsc.br/Geografia283197.pdf>
Acesso em: 27/fev./2020.
- ETTO, R. M., CARLOS, V. G. **Um estudo gramatical da gíria sob a ótica dos manuais de gramática e dicionários.** LING. – Est. e Pesq., vol. 20, n. 1, p. 207-224, jan./jun. 2017. Catalão-GO.

Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/327194919_UM_ESTUDO_GRAMATICAL_DA_GIRIA_SOB_A_OTICA_DOS_MANUAIS_DE_GRAMATICA_E_DICIONARIOS.
 Acesso em: 29/ago./2020.

FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo. Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz, (org.). **Introdução à linguística volumes 1 e 2**. Introdução à Linguística I. Objetos teóricos I. Linguística. 2. Linguística - Estudo e ensino. I. Fiorin, José Luiz. I. Linguística, Introdução 2003.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2550517/mod_label/intro/NEGR%C3%83O_EstruturaDaSentenca.pdf

Acesso em: 23/set./2020.

KURY, G. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2010.

LEFFA, V. J, (org.). Aspectos políticos da formação de professor de línguas estrangeiras. In: **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. LEFFA, Vilson, J. Educat. Pelotas, 2001.v.1, p. 333-335.

LOPES, B., AMARAL, J. N.; CALDAS, R. W. **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008. 48p.

Disponível

em:

<http://www.mp.ce.gov.br/nespeciais/promulher/manuais/MANUAL%20DE%20POLITICAS%20P%C3%9ABLICAS.pdf>

Acesso em: 09/set./2019.

MELO, A. R. **Programa Fábrica de Esperança do Sistema Penitenciário Alagoano: ressocializar é a melhor saída**. 2018.

Disponível em: [http://www.seris.al.gov.br/educacao-producao-e-](http://www.seris.al.gov.br/educacao-producao-e-laborterapia/Projeto%20FABRICA%20DA%20ESPERANCA.pdf/at_download/file)

[laborterapia/Projeto%20FABRICA%20DA%20ESPERANCA.pdf/at_download/file](http://www.seris.al.gov.br/educacao-producao-e-laborterapia/Projeto%20FABRICA%20DA%20ESPERANCA.pdf/at_download/file)

Acesso em: 21/fev./2019.

MELO, A. R. **Projeto Lêberdade - Remição da pena pelo estudo, através da Leitura, no Sistema Prisional de Alagoas**. 2016.

Disponível em: http://www.seris.al.gov.br/educacao-producao-e-laborterapia/projeto-leberdade/Leberdade%20revisado%20%20-%20versao%20definitiva%20-%202015.03.17.doc/at_download/file

Acesso em: 07/out./2019.

MELO, A. R. **Sistema Penitenciário Alagoano**. Educação, trabalho e reintegração social para as pessoas privadas de liberdade. Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social – Seris. 2016.

MOURET, Stefanie. **O mito da Fênix**. 2014.

Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/o-mito-da-fenix/>

Acesso em: 25/maio/2019.

NOVO, B. N. **A educação prisional no Brasil**. 2018.

Disponível em:
https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_educacao_prisional_no_brasil.pdf

Acesso em: 03/jun./2020.

ORMUNDO, W. ; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de textos e linguagem: Manual do professor. São Paulo: Moderna, 2018.

PEREZ, Luana Castro. **Gírias. Linguagem e cultura**: Gírias-Brasil Escola

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/gurias.htm>

Acesso em 24/ jul./2019.

PEREIRA, S. **Educar e formar cidadãos é papel da família**; ensinar é dever da escola. 2015.

Disponível em: <https://www.jornalnnet.com.br/noticias/10905/>

Acesso em: 27/set./2020.

Presídio Feminino Santa Luzia. Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social – Seris. 2015.

Disponível em:

<http://www.seris.al.gov.br/unidades-do-sistema/presidio-feminino-santa-luzia>

Acesso em: 11/dez./2019.

PRETI, D. **O léxico na linguagem popular**: a gíria. 2000.

Disponível em:

<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1802.pdf>

Acesso em: 21/mar./2020.

SIMÕES, M. **Gíria**: fenômeno linguístico social. 2009.

Disponível em:

<https://www2.jf.jus.br/pergamumweb/vinculos/00001f/00001fc8.pdf>

Acesso: 04/ago./2019.

WASTY, M. **Ressocialização inicia processo de implantação de remição de pena pela leitura**. 2017.

Disponível em:

<http://www.seris.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2017/04-abril/ressocializacao-inicia-processo-de-implantacao-de-remicao-de-pena-pela-leitura>

Acesso em: 21/maio/2020.

VASQUEZ, E. L.. “Educação prisional no Brasil: discursos, práticas e culturas”. In: **O espaço da prisão e suas práticas educativas**. São Carlos Ed. Ufcar. 2011, p. 11-33.

APÊNDICE A- Glossário

a) Humano	b) Não humano	c) Comportamento
Alemão: inimigo.	A boa: refere-se à maconha em bom estado de uso.	A casa caiu: quando uma pessoa se dá mal numa certa situação.
Alma penada: alma que anda vagando, pagando a pena.	Bailarina – caneta.	Armou um barraco: arrumou confusão, problema.
Bofe ou Veado: Mulher que ocupa o lugar do sexo masculino na relação sexual entre mulheres.	Bagulho: refere-se à droga de má qualidade.	Aviãozinho: pessoa intermediária na venda e compra de droga.
Colar velcro – Ato sexual entre mulheres.	Barraco: significa cela.	Batida: momento em que os agentes fiscalizam as celas em busca de algo ilícito.
Freio de viatura: pessoa que tem bronca com a polícia.	Boi: vaso sanitário	Bote sua mola: se esforce para conseguir seu objetivo.
Ganha - pão: parte do corpo conhecida como glúteos.	Boi ralado – Carne moída.	Cabelo ou boró – cigarro feito manualmente de fumo bruto com papel.
Gratinar – Manter relação sexual.	Blindada: Marmita.	Chapéu tolado: pessoa que levanta falso.
Gravata – Se refere ao advogado.	Cabelo ou boró – cigarro feito manualmente de fumo bruto com papel.	Dar B.O.: Bronca, regulamentação que a detenta leva quando comete alguma irregularidade.
Lady: Mulher considerada companheira em uma relação sexual entre duas mulheres.	Carro do leite: carro da polícia.	Fazer um corre: levar algo para beneficiar a alguém ou a pessoa mesmo. Realizar alguma coisa às escondidas.
Lagartixa: pessoa que fica de sentinela nas guaritas dos presídios.	Catatau: bilhete ou carta que circula para passar recado.	Flopar – fracassar.

Mina: mulher.	Castelo: Presídio feminino.	Laranja: pessoa que assume a culpa em lugar do outro.
Moscar – pessoa que vacila (desligado).	Celular – Radinho.	Levar tromba – censura que recebe uma pessoa quando pratica algo errado (repreensão).
Novão: rapaz.	Come quieto: lençol usado como uma cortina para momentos íntimos nas celas.	Mão de lodo: nome dado pelas infratoras as detentas que entregam as companheiras da cela em que convivem.
Presunto- refere-se ao cadáver.	Coração- chip de celular.	No grau – perfeito.
Sangue bom: pessoa boa, tranquila.	Dragão – Isqueiro.	Numa Nice – relaxar, ficar de boa.
Sopão – presença de um homem bonito.	Décima sétima: agulha.	Pagar um mico: passar vergonha.
Talarita – Mulher que tem caso com homem casado.	Grude ou de graça – nome dado para referir-se a comida.	Pagar um padre: processo administrativo que aumenta à pena dos presos caso cometa um ato de indisciplina, saindo do regulamento das normas da Unidade.
Tatu- Pessoa encarregada de fazer túnel de fuga.	Isola: local reservado para detentas quando cometem desobediência na Unidade.	Pega a visão veio – se refere a prestar a atenção, se ligar.
Truta – Pessoa amiga.	Jega: cama.	Puxar cadeia: se refere ao tempo de cumprir a pena.

Vacilão: pessoa que não se liga nas coisas que faz. Desligado.	Mundão: local fora da cadeia: rua.	Rato de cela: detenta que furta suas companheiras de cela.
Verme: refere-se aos policiais penais (os agentes penitenciários masculinos e femininos).	Parada: realizar ou programar um assalto.	Se saia – vá embora.
	Penosa – galinha cozida.	Se jogue – pedir para a pessoa sair do local.
	Retrovisor: espelho.	Sossegado – pessoa tranquila, na dela.
	SOS: receita médica prescrita pelo médico para casos de urgências que fica na pasta de reeducanda na enfermaria da Unidade.	Tá ligado: compreender o que o outro está dizendo.
	Suave na nave: sem problemas. Estar de boa. Estar bem.	Tá me tirando é veio? - está me olhando por quê?
	Sujou: situação de perigo.	Tá moscando: quando a pessoa está parada sem perceber algo em sua volta.
	Tá embaçado: situação complicada, difícil de resolver.	Tá rolando: algo que está acontecendo naquele momento.
	Tereza: tanto pode ser uma corda feita com lençóis geralmente utilizada para fuga.	Tá se passando? – se usa para referir-se a pessoa que não está prestando atenção.
	Tranca: fechamento da cela no final do dia.	Valeu cara: forma de contemplar, agradecer.
		X-9: nome dado pelas infratoras as pessoas que deduram outras (delatoras).
		Zoar: debochar, tirar onda da pessoa.

ANEXO A - Atestado funcional



ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA DE ESTADO DE RESSOCIALIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
SUPERVISÃO DE MOVIMENTAÇÃO FUNCIONAL

Complexo Penitenciário Alagoano – Centro Administrativo
BR 104 Norte, Km 14 – Cidade Universitária, CEP: 57072-970, Maceió-AL
Telefone: (82) 3315-1764
Site: seris.al.gov.br / E-mail: cevp.seris@gmail.com
CNPJ: 20.279.762/0001-86

ATESTADO FUNCIONAL – 120/2021

Atesto a pedido da pessoa interessada para os devidos fins, que consta nos arquivos desta Chefia Executiva de Valorização de Pessoas, o assento da Senhora **Marilene Marinho Galindo**, CPF [REDACTED] Ma [REDACTED] que a referida servidora presta serviço nesta Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social, desde **01/02/2006**, na função de [REDACTED]

Obs.: Este atestado terá validade de 30 (trinta) dias.

Maceió/AL, 18 de maio de 2021.

Paula Cristina Caydeante Moura
Paula Cristina Caydeante Moura
Assessora Especial de SERIS
Matricula [REDACTED]

Rosângela Lima Galindo
Rosângela Lima Galindo
Matricula [REDACTED]
Responsável pela pesquisa